



O Rosto do Outro é misericórdia: diálogos possíveis entre a ética levinasiana e o livro-entrevista do Papa Francisco “o nome de Deus é misericórdia”

*The Face of the Other is mercy:
possible dialogues between Levinasian ethics and the
Pope Francis book-length interview “The Name of
God is Mercy”*

Cainan Espinosa Gimenes

Resumo

O presente artigo busca entender o problema da Ética no mundo hodierno, uma vez que a partir de uma análise hermenêutica, verificou-se que a Era Moderna caracterizada por uma forte tendência ao relativismo, levou o homem ao egoísmo e a não abertura ao outro. A partir disso, apresentamos a ética da hospitalidade levinasiana em diálogo com a doutrina da misericórdia do Papa Francisco, enquanto caminho ético de responsabilidade para com o outro. Nesse sentido, a responsabilidade passa a ser entendida enquanto abertura e relação, assumida de modo integral pela pessoa Jesus, Deus encarnado que apresenta o infinito. Esse infinito se caracteriza pelo amor e pela misericórdia enquanto vocação a cada pessoa humana e sua identidade. Assim, segundo o pontífice, essa deve ser a missão da igreja, isto é, ser guardiã do outro e refém do próximo ou ainda, da humanidade, evidenciando uma vocação para servir e amar, a partir da interpelação do “Eis-me aqui” comunicado pelo mandamento: “Tu não matarás!”

Palavras-chave: Ética. Misericórdia. Deus. Outro.



Abstract

This article aims to understand the issue of Ethics in today's world, since from a hermeneutic analysis, it was acknowledged that the Modern Era, characterized by a solid tendency to relativism, led man to selfishness and non-openness to the other. From this, we present the ethics of Levinasian hospitality in dialogue with Pope Francis' doctrine of mercy, as an ethical path of responsibility towards the other.

Therefore, responsibility comes to be understood as openness and relationship, fully assumed by the person of Jesus, God incarnate who presents the infinite. This infinite is characterized by love and mercy as a vocation to each human person and their identity. Thus, according to the pontiff, this must be the mission of the Church: be the guardian of the other and hostage of the neighbor or even, of mankind, evidencing a vocation to serve and love, from the interpellation of "Here I am" presented by the commandment "Thou shalt not kill!".

Keywords: Ethics. Compassion. God. Other.

1. Introdução

É possível encontrar na ética da alteridade a partir da ótica da misericórdia, respostas para muitas indagações referentes à realidade atual do ser humano, visto que a pessoa humana se desencaminhou de sua essência, perdeu seus valores éticos e de responsabilidade por ele próprio e pelo outro.

Na contemporaneidade, o valor humano caiu em descrédito e o egoísmo passou a ser o grande protagonista da história da pessoa humana, que anseia por ter, possuir, conquistar, crescer, fazendo com que ele, o próprio, não consiga enxergar o outro como pessoa, mas como um concorrente a ser vencido.

A partir disso, o ser humano hodierno, em seus pressupostos hermenêuticos, volta-se para si, busca o poder e esquece-se de sua responsabilidade pelo outro, aquele que se vislumbra pelas mídias e novas tecnologias e acaba por se fechar em si mesmo. Diante dessa crise, Lévinas mostra a necessidade de um urgente caminho de retorno à ética em que o outro é o centro e, na perspectiva eclesial, o Papa Francisco exorta a buscar uma eclesialidade de saída, encontrando o outro que sofre, como hospital de campanha.¹

Partindo desse diálogo, é possível pensar o encontro entre a ética da hospitalidade e a doutrina da misericórdia, em que o rosto do outro trará um mandamento: Não matarás! Mandamento esse que foge do sentido convencional, visto

¹ FRANCISCO, PP., O nome de Deus é misericórdia, p. 86.

que o rosto não é apenas algo estético ou aparente, mas trata-se da profundidade do ser de outrem.

Desse modo, no âmbito da responsabilidade, enquanto fundamento para o amor, emerge a necessidade do eu relacionar-se com o outro, da relação face-a-face. Esse pensamento fez com que Lévinas colocasse a ontologia em segundo plano, dando à ética o protagonismo em sua filosofia. O existente (que é aquele que se relaciona) vem em primeiro lugar e somente depois vem o ser, o ontológico, visto que esse estabelece relações de poder, que torna o ser humano egoísta e quebra com qualquer princípio ético. De modo análogo, podemos pensar uma Igreja em que a vida prática e as razões pastorais do amor e do acolhimento sejam fundamento para a doutrina.

2. Pressupostos hermenêuticos

A ciência empírica passa a ser tomada como a norma e a explicação de tudo, de modo a ser reduzida como supérflua a “hipótese Deus” como causa dos acontecimentos. A tecnologia cada vez mais avançada provocou no ser humano a sensação de que ele possuía a chave e o poder de intervenção sobre todos os fenômenos.

O homem não pode depositar na ciência e na tecnologia uma confiança tão radical e incondicional, a ponto de acreditar que o progresso científico e tecnológico consegue explicar tudo e suprir completamente todas as suas necessidades existenciais e espirituais. A ciência não pode substituir a filosofia e a revelação, oferecendo uma resposta exhaustiva às interrogações mais radicais do homem: perguntas a respeito do significado da vida e da morte, dos valores últimos e da natureza do próprio progresso.²

Apesar de tudo isso, o recrudescimento de um senso de fé nos tempos atuais e do sentido do absoluto demonstram a insatisfação humana perante essa nova modalidade de ateísmo, tão contundente nos séculos XIX e XX. Os motivos podem ser: a decepção humana por aquela mesma tecnologia que, apesar de tão avançada, não conseguiu dar solução aos infortúnios humanos (doenças, pandemias, misérias, fome, guerras, catástrofes etc.); o senso pessimista da parte de muitos a respeito de um futuro incerto (recursos naturais escassos, limites do crescimento econômico etc.); a consciência de que a ciência empírica, sem o cultivo dos valores éticos e espirituais, não é suficiente para o bem da sociedade. De fato, em sua Bula de Indicação do Concílio Vaticano II *Humanae Salutis*, afirma o Papa S. João XXIII:

² BENTO XVI, PP., Discurso do Papa Bento XVI aos participantes na assembleia plenária da pontifícia academia das ciências, 6 novembro de 2006.

O mundo moderno (...) se exalta em suas conquistas no campo da técnica e da ciência, mas (...) carrega também as consequências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus. Por isso, a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral. (...) E o progresso científico, que deu ao ser humano a possibilidade de criar instrumentos.³

Como consequência de tudo isso, o ser humano acaba caindo em um grande vazio,

tomando-se escravo do consumo, das tecnologias, e trilha um caminho individualista, que se justifica a partir do momento em que o outro é visto como um concorrente diante da felicidade. É nessa realidade de egoísmo, de negação do outro, que Lévinas vai buscar na ética novos meios de valorização do ser humano e, de modo análogo, o Papa Francisco exorta a procurar a misericórdia como caminho para cura do egoísmo.

Os casos de deficiência humana – de inferioridade para a sua tarefa de ser humano, em que o ser humano se acha impotente para responder àquilo que dele espera – fazem parte da experiência cotidiana. As causas físicas, econômicas e políticas tomaram conta do ser humano como se ele fosse apenas uma realidade natural entre outras.⁴

Assim, encontramos o ser humano contemporâneo imerso em ativismo, centralização de poder e egoísmo; um ser humano cheio de razão, seja essa política, seja técnica. O mundo capitalista fez surgir um ser humano desumanizado, eficiente ao fazer, mas ineficiente e vazio em humanidade. Essa forma inconsistente do ser humano não é fruto somente do meio, mas principalmente do próprio ser humano que vive em um mundo cercado de pessoas, mas por vezes parece escolher viver de forma solitária. Sendo assim, o Outro perde seu valor. A consciência como atividade exalta o ser humano em sua coragem e no seu heroísmo, mas acaba descobrindo a deficiência humana, podendo perder a essência de si mesmo.

Estamos assim diante do paradoxo: o ser humano quer liberdade, mas se permite massificar pois, quando não caminha de acordo com as mídias ou modas, será excluído. Então, onde está a verdadeira liberdade? Onde encontramos a relação do ser? As respostas para essas perguntas talvez estejam na ética da hospitalidade e na doutrina da misericórdia.

3. A ética da hospitalidade e a doutrina da misericórdia

³ HS 3.

⁴ LÉVINAS, E., De Deus que vem à ideia, p. 71.

Em seu livro *Totalidade e Infinito* (prefácio), Lévinas anuncia a compreensão da subjetividade entendida como o acolhimento do outro como hospitalidade, realizada na ideia do infinito.⁵ A partir disso é possível estabelecer o que vai além do próprio pensamento, mais que metafísico, mas ético, que não pode ser mensurado por teoria como a coisa em si, pois essa ideia escapa ao pensamento: estar diante do outro, enquanto estabelecimento ético. Se uma pessoa não sabe o significado profundo da sua existência, de si mesmo, é impossível que possa conduzir bem a sua vida e a vida do outro, por mais que seja boa e esteja cercada de coisas positivas. E se não conhece o sentido das coisas que a cercam, jamais poderá se relacionar bem com elas. Assim, o infinito não é uma ideia abstrata, metafísica, é uma ideia que chega pelo rosto do outro, pelo encontro com o outro. Mas como entender essa hospitalidade?

A hospitalidade é o finito que se abre ao infinito, isto é, acolhimento do outro que é o infinito em possibilidade. E é nesse sentido que a resposta a alteridade o Papa articula com a compaixão. Compaixão é, etimologicamente, padecer com, significa então “sofrer juntos, não permanecer alheio à dor e ao sofrimento alheio”.⁶ E nesse sentido Jesus de Nazaré aponta o valor da hospitalidade em sua vida encarnada ao acolher as pessoas, com um amor que não olha a exterioridade, mas se deixa envolver pelo Outro.

Assim, a ética (ou filosofia primeira) é entendida como um mandamento que – ao anteceder ao próprio eu – ordena um movimento para o outro, mediante o apelo da súplica do rosto em sua infinita transcendência. É esse mandamento que faz dizer “eis-me aqui”. Esse chamado é uma vocação, um apelo pelo outro – só pode escutar-se a si mesmo e escutar-se chamar, a partir da promessa e da esperança de uma resposta, essa é, ao nosso entender a forma plena de ser Igreja: “A igreja mostra o seu rosto materno, o seu rosto de mãe à humanidade ferida. Não espera que os feridos batam à sua porta, vai a procura deles pela rua, acolhe, abraça, cuida, e faz com que se sintam amados”.⁷

Assim, o centro do pensamento de Lévinas é a ética da alteridade que deve gerar a responsabilidade pelo outro, o que o Papa chama atenção para missão da Igreja. Essa forma de alteridade apresentada pelos nossos autores só é capaz de acontecer por meio das relações interpessoais. A intersubjetividade é meio para construir uma sociedade justa, igual e fraterna e conseqüentemente uma Igreja com os mesmos atributos. O ser humano é o protagonista dessa sociedade. Esse mundo só irá realizar-se quando a humanidade caminhar seguindo os mesmos ideais, isso não significa todos os seres iguais, porém significa que todos devem almejar o bem comum.

O bem comum vai acontecendo quando o ser humano se torna capaz de uma comunicação adequada para cada tempo e local. A linguagem, seja ela qual for, é fundamental para o diálogo entre as nações, os povos e os homens. A capacidade de

⁵ LÉVINAS, E., *Totalidade e Infinito*, p. 14

⁶ FRANCISCO, PP., *O nome de Deus é misericórdia*, p. 129.

⁷ FRANCISCO, PP., *O nome de Deus é misericórdia*, p. 34.

compreensão do que se pensa, do que se quer é essencial para a construção de uma sociedade justa para todos.

De modo que, é preciso a participação ativa do ser humano na sociedade e na Igreja, pois o ser humano é personagem principal e não coadjuvante na vida social e eclesial. Decerto, é preciso mudar primeiro a si para depois mudar o meio. Entretanto, para que aconteça essa mudança é necessário comunicar-se. Com efeito, comunicar-se é sinônimo de encarnar-se, uma encarnação nos outros, na história do outro, no rosto do outro. Nesse sentido, o Papa Francisco alerta: “com efeito, se o amor acaba em nós mesmos, a fé evapora-se num intimismo estéril. Sem os outros, torna-se desencarnada”⁸. Assim, a linguagem comum entre a ética da hospitalidade e a doutrina da misericórdia é a responsabilidade pelo outro.

4. A responsabilidade pelo Rosto do outro

Responsabilidade em Lévinas pode ser definida como uma relação, onde eu e outrem se colocam à disposição, pelo apelo que é feito pelo rosto para que haja a proximidade. Lévinas mostra em sua ética que é no campo da responsabilidade por outrem, que a alteridade apresenta sua verdadeira relação, pela experiência e acolhimento entre o eu e o outro. Dessa forma, ambos conseguem viver socialmente, com seus direitos garantidos, visto que a relação de responsabilidade está ligada diretamente com o primeiro próximo que surge à frente do eu, sem qualificação, determinação ou preconceito.

O laço com outrem não se ata se não como responsabilidade, aceita ou rejeitada, saiba-se ou não como assumi-la, possa-se ou não fazer alguma coisa de concreto por outrem, Dizer: eis-me aqui. Fazer alguma coisa por outrem. Dar. Espírito humano é isso. A encarnação da subjetividade garante sua espiritualidade (...) Diaconia antes de todo diálogo. Na relação com outrem, na proximidade com outrem, seu rosto me ordena servi-lo.⁹

Quando existe o reconhecimento, o Eu encontra o mais profundo, pois as coisas que o rodeiam adquirem um novo valor, não mais um valor utilitário ou descartável. Nada que vise uma recompensa ou benefícios próprios. Esse valor é ético e visa apenas dar dignidade ao outro e a isso podemos chamar amor, isto é, a responsabilidade por outrem é precisamente a não indiferença dessa diferença: a proximidade do Outro.¹⁰ Essa ideia de amor pode ter relação com o fato de Lévinas ser Judeu. Para o escritor François David Sebbah, a filosofia de Lévinas tem clara ligação com a religião e a fé:

⁸ FRANCISCO, PP., Homilia do Papa Francisco no Domingo da Misericórdia, 11 abril 2021.

⁹ CINTRA, B. E. L., Pensar com Emmanuel Lévinas, p. 80

¹⁰ LÉVINAS, E., De Deus que vem à ideia, p. 105.

“Além da fé monoteísta, em geral, a filosofia levinasiana é inspirada pela lei mosaica, de preferência no Sermão da Montanha à mensagem de Jesus”.¹¹

Nessa proximidade com o outro, o Papa Francisco coloca Jesus como aquele rosto de misericórdia do Pai. “Observamos que Jesus não fica indiferente, mas sente compaixão, deixa-se envolver e ferir pela dor, pela doença, pela necessidade de quem encontra. Não foge”.¹²

Desse modo, Jesus aponta o infinito que se apresenta na figura do próximo que possui um rosto. Desse modo, o seguimento de Jesus é questão de sedução, de atração, de paixão que exige um “investimento afetivo” total ao outro. O discípulo pela metade não pode fazer caminho com Jesus, não servem as entregas pela metade. Pensar no infinito é pensar na desmedida do objeto – seu excesso. O rosto do outro é expressão do amor de Deus. Seguir Jesus é deixar uma vida ególatra de lado, é um profundo esvaziamento para o preenchimento do outro, é colocar o rosto do outro como centro. Assim, o seguimento brota, pois, de uma profunda sintonia com Ele. Este é o caminho do seguimento de Jesus que quer uma Igreja com liberdade, com decisão e responsabilidade.

Abordar o Outro no *discurso* é acolher sua expressão em que ele ultrapassa a todo instante a ideia que dele tiraria um pensamento. É, pois, *receber* do Outro para além da capacidade do Eu; o que significa exatamente ter a *ideia do infinito*. Mas isto significa também ser ensinado.¹³

O outro tem sempre muito a ensinar – no seu próprio rosto possui a marca do infinito que quer ensinar: aproximar desse outro que é estrangeiro é se aproximar do verdadeiro eu e reconhecer enquanto pessoa, que significa, a partir dessa abordagem ética, ser para o outro. Ser-para carrega consigo a ideia de infinito, que mantém a exterioridade do outro face ao mesmo, o que articulamos com misericórdia.

O *rosto* é uma presença viva, é *expressão*. A vida da expressão consiste em desfazer a forma em que o ente, expondo-se como tema, se dissimula por isso mesmo. O *rosto* fala. A manifestação do *rosto* é já discurso(...) A nudez do rosto não é o que se oferece a mim porque eu o desvelo e que, por tal fato, se ofereceria a mim, aos meus poderes, aos meus olhos, às minhas percepções em uma luz que lhe é exterior. O rosto voltou-se para mim e é isso a sua própria nudez. Ele é por si próprio e não por referência a um sistema.¹⁴

¹¹ SEBBAH, F. D., Lévinas, p. 177-178.

¹² FRANCISCO, PP., O nome de Deus é misericórdia, p. 99.

¹³ DERRIDA, J., Adeus a Emmanuel Lévinas, p. 38.

¹⁴ LÉVINAS, E., Totalidade e Infinito, p. 61-62.

O rosto se apresenta como epifania, termo que tem como significado revelação, influenciado pela cultura judaica, que acreditava na ideia do Deus que se revela àquele que ele escolheu. Essa revelação do rosto é linguagem, acolhimento, é a verdadeira essência do ser humano e se contrapõe ao fenômeno, pois é pelo encontro face-a-face, pelo contato, que se dá toda a linguagem ética do ser humano. É nesse ponto, ao apresentar o rosto como algo que não se descreve ou define, que não se reduz a si, que Lévinas apresenta uma nova visão no mundo contemporâneo, inaugurando um novo acontecimento ético.

A relação ética com o outro é linguagem, é rosto, é face-a-face, é não tematizado ao mundo dos interesses, mas, compartilhar o mundo pessoal com o outro. Desse modo, a linguagem passa ser doação e doação é misericórdia, isto é, o primeiro gesto ético.

5. Do amor à misericórdia a misericórdia do amor

O ser humano vive em meio a coisas e pessoas. Porém, sua relação com as coisas não é a mesma que se tem com as pessoas, tendo em vista que no laço com as pessoas surge o amor. O modo como o outro se apresenta ao eu é como o questionador, que interpela, pois aquele que surge como rosto é portador de alteridade, que por sua infinitude revela que o eu não possui o mundo, ou seja, a presença de outrem equivale ao pôr em questão a minha alegre posse do mundo.¹⁵

O que primeiro se nota na descoberta e no encontro com o outro é o rosto e o olhar, cuja exterioridade fala no rosto. Lévinas e o Papa utilizam a figura do marginalizado bíblico como espelho e melhor exemplo de alteridade. O marginalizado que é representado pelos pobres, órfãos, estrangeiros, leprosos e pelas viúvas. Será no pobre, no excluído e no miserável que o rosto terá a sua manifestação mais significativa, pois estão totalmente despidos de direitos.

O pobre e o excluído só se conhecem pelo que nos apresentam, o seu sofrimento e o seu olhar colocam fortemente a afirmação primordial na relação de alteridade: *não matará*.¹⁶ Essa afirmação é sinônimo de libertação. Com isso, o rosto se impõe ao eu sem que esse o possa negar e deixar de ser responsável por ele.

O mandamento *não matará* deve ser a chave de leitura para a misericórdia, que não é simplesmente uma questão que diz respeito ao que eu faço ou deixo de fazer, não está ligado primeiramente à questão do agir, mas vai além, está direcionada ao outro, ao íntimo do sujeito, indo além do que se faz, como diz Emmanuel Lévinas:

¹⁵ LÉVINAS, E., Totalidade e Infinito, p. 60-63.

¹⁶ O sentido que Lévinas dá ao 'não matará' é o resumo da bíblia, ou seja, a transcendência é o fundamento da sociabilidade. Não matar remete ao cuidado e a responsabilidade com o Outro e com a sociedade. MARTINS, R. J.; LEPARGNEUR, H., Introdução a Lévinas, p. 87.

Descrevendo positivamente o rosto e não apenas de um modo negativo. O senhor lembra-se daquilo que dizíamos: a abordagem do rosto não é da ordem da percepção pura e simples, da intencionalidade que se encaminha para a adequação. Positivamente, diremos que, desde que o Outro me olha, sou por ele responsável, sem mesmo ter de assumir responsabilidades a seu respeito; a sua responsabilidade incumbe-me. É uma responsabilidade que vai além do que faço. Habitualmente, somos responsáveis por aquilo que pessoalmente fazemos. Digo em *Aitrement qu'être* que a responsabilidade é inicialmente um por outrem. Isso quer dizer que sou responsável pela sua própria responsabilidade (...). Com efeito, a responsabilidade não é um simples atributo da subjetividade, como se essa existisse já em si mesma, antes da relação ética. A subjetividade não é um para si: ela é, mais uma vez, inicialmente para o Outro.¹⁷

É a relação face-a-face que traz em si a exigência ética chamando-o à misericórdia. O rosto de outrem se apresenta ao mesmo através do olhar, que quer saber, que pergunta e interpela o eu e faz com que esse se questione a respeito de suas ações éticas e morais. A cada passo do aprofundamento do encontro vai fomentando a responsabilidade entre os seres em relação.

Segundo Lévinas, será no campo da responsabilidade por outrem que se dará a verdadeira relação de alteridade, vivenciada a partir da experiência e do acolhimento entre o eu e o outro. Assim, ambos poderão garantir os direitos e deveres sociais para uma vida comunitária ideal, visto que a relação de responsabilidade está ligada diretamente para com o primeiro próximo que surge à frente do eu, sem qualificação, determinação ou preconceito.¹⁸

A misericórdia está voltada para o próximo – a partir da responsabilidade para com outrem – atendendo a uma vocação do eu votado ao outro como um elo originário do eu com a bondade. E nesse sentido, a misericórdia do amor é aquela votada ao próximo, que responde a uma vocação – uma liberdade orientada para uma heteronomia infinitamente exigente, uma obediência à lei de um Outro. “A identidade mais profunda do homem é ser messias do outro. Isso significa que o messias é portador da paz”.¹⁹

Assim, o amor gratuito é autêntico enquanto que encaminha o coração na direção da acolhida ao outro, sem julgamentos, preconceito e condenação,²⁰ sendo o guardião do outro, o refém do próximo. Evidenciando uma vocação para servir. Nesse aspecto é uma responsabilidade infinita ou amor.

¹⁷ LÉVINAS, E., *Ética e Infinito*, p. 80.

¹⁸ LÉVINAS, E., *Ética e Infinito*, p. 31.

¹⁹ JUNIOR, N. R., *Sabedoria da paz*, p. 324.

²⁰ FRANCISCO, PP., *O nome de Deus é misericórdia*, p. 103.

No acolhimento de Outrem, acolho o Altíssimo ao qual a minha liberdade se subordina, mas essa subordinação não é uma ausência: empenha-se em toda a tarefa pessoal da minha iniciativa moral (...), na atenção a Outrem enquanto unicidade e rosto (...) e que só pode produzir-se na unicidade de um eu.²¹

6. Conclusão

Assim, em Lévinas, a metafísica existe a partir do rosto do outro, rosto esse que é a chave para as portas da alteridade e que também é a linguagem que leva o eu a ser responsável por outrem. Tomando esse pensamento como base, entendemos que o Rosto do outro se apresenta na vida da Igreja como a figura de encontro para o agir teológico-pastoral.

A chave para a construção de uma sociedade e de uma Igreja ética é a misericórdia. Assim, partindo dessa responsabilidade pelo outro, elas são interpeladas a largar o egocentrismo do eu para ir ao encontro do outro.

Esse encontro remete a uma ação, em que se faz necessário sair de si para encontrar o outro, ou seja, remete à humildade, coragem, amor, compaixão, liberdade interior. O outro é uma extensão do eu, por isso a responsabilidade do eu é cuidar com zelo da vida humana que está diante, enquanto hospitalidade.

Nesse sentido é possível traçar um diálogo entre a ética levinasiana e a doutrina da misericórdia abordada pelo Papa Francisco, atualizando cada dia na vida prática da Igreja. A alteridade ética é a base para a construção de uma Igreja em saída, para um novo pensamento, para a responsabilidade alicerçada em um diálogo coerente e ético.

O diálogo da misericórdia fica enriquecido com todas as contribuições de misericórdia, compaixão, empatia, não-violência, renúncia ao mal, promoção da justiça, atendimento, solidariedade, bondade, humanidade... Está em ir ao encontro, acolher, escutar, falar, reconhecer, promover, contribuir, doar-se, relacionar-se²²

O pensamento de Lévinas e o do Papa Francisco fogem de qualquer utopia, visto que é possível ser vivenciado, à medida que o eu passe a se voltar para o rosto do outro e perceba, que cada um é responsável por seu próximo.

Referências bibliográficas

BENTO XVI, PP. **Discurso do Papa Bento XVI aos participantes na assembleia plenária da pontifícia academia das ciências.** Disponível em:

²¹ Lévinas, E., Totalidade e Infinito, p. 280.

²² CARDOSO, M. T. F., Diálogo da misericórdia, p. 599-622.



<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061106_academy-sciences.html> Acesso em: 05 jan. 2023.

CARDOSO, M. T. F. Diálogo da misericórdia: estudo sobre um tema da Bula *Misericordiae Vultus* do Papa Francisco. **Atualidade Teológica**, v.20, n.54, p. 599-622, set./dez. 2016.

CINTRA, B. E. L. **Pensar com Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Paulus, 2009.

DERRIDA, J. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FRANCISCO, PP. **O nome de Deus é misericórdia**. São Paulo: Planeta, 2016.

FRANCISCO, PP., **Homilia do Papa Francisco no Domingo da Misericórdia**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-04/homilia-papa-francisco-domingo-misericordia-texto-integral.html>> Acesso em: 05 jan 2023.

JOÃO XXIII, PP. **Constituição Apostólica *Humanae Salutis***. Vaticano: 1961. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html>. Acesso em: 08 set. 2022.

JUNIOR, N. R. **Sabedoria da Paz: Ética e Téo-lógica em Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Loyola, 2008.

LÉVINAS, E. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 2010.

LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

LÉVINAS, E. **De Deus que vem à idéia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, R. J.; LEPARGNEUR, H. **Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI**. São Paulo: Paulus. 2014.

RATZINGER, J. **Santa Missa ‘Pro Eligendo Romano Pontifice’**. Disponível em: <https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html> Acesso em: 07 jan. 2023.

SEBBAH, F. D. **Lévinas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. v.24.



ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2023v3n5p47

Cainan Espinosa Gimenes

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio
de Janeiro
Rio de Janeiro/ RJ – Brasil
E-mail: cainan_2007@hotmail.com

Recebido em 27/08/2022
Aprovado em 13/02/2023